



Relembrando alguns clichês e outras assertivas igualitaristas

Profº Eduardo J. Z. Ayala

Depto de Administração Escolar-UFSM



Um dos tantos prosélitos do socialismo real escreveu: “A relação entre teoria e praxis é para Marx teórica e prática; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que essa relação é consciente”.

A tal atividade revolucionária, para decepção da esquerda messiânica, em momento nenhum conseguiu harmonizar-se com a teoria marxiana. Pois ao passo que as prescrições de Marx indicavam um rumo ‘insofismável’, os hierarcas do Kremlin apontavam um outro mais condizente com seus próprios interesses. Daí que essa relação consciente entre teoria e práxis não passou, na realidade soviética, de uma farsa grotesca, de uma simulada reverência ao *script* marxiano e à vulgata stalinista.

Sabe-se, a todas as luzes agora, que a ‘fé’ na quimera socialista, afinal de contas, só serviu de generoso pretexto para acobertar os desmandos da classe dirigente, bem como para silenciar os brados de repulsa da dissidência. É por isso que o marxismo ‘oficial’ se desgastou, a ‘linha justa’ faliu, o Muro de Berlim foi demolido, a União Soviética se dissolveu e o marxismo que sobrevive é dos que pensam por conta própria e não dispõem mais de quaisquer compromissos doutrinários. Não obstante, com ou sem compromissos doutrinários, os marxistas que ainda perambulam por aí, sonham em reerguer o castelo de areia onde um dia já residiu o pseudo-igualitarismo. ‘Ignoram’, com suspeita candura, uma verdade irretorquível: não há como instituir uma doutrina que dá as costas à assimetria de desejos, aspirações e capacidades entre os homens.

Recordam-se do chavão emblemático liberdade e igualdade? Para Vargas Llosa, ele não vai além de duas nobres aspirações humanas que no íntimo são alérgicas entre si. Óbvio, a igualdade se dilui na dinâmica da liberdade e esta se anula pela ação do igualitarismo; logo, não há reciprocidade orgânica entre ambas.

E o que dizer da proverbial sentença justiça e igualdade so-cial? Mais uma ficção, não há lógica que faça estabelecer uma co-existência entre as duas, visto que a função decisória da justiça não tem lugar onde todos são iguais.

Numa sociedade em que ninguém é nem mais nem menos do que os outros a justiça social já estaria automaticamente consagrada; mas a natureza humana, tão carregada de subjetividade e diferenças individuais, é absolutamente avessa à uniformidade.

A própria tarefa de fazer justiça para preservar o igualitarismo outorgaria a quem julga uma especial prerrogativa que o afastaria, ética e concretamente, de quem é julgado e, por conta disso, já não seria mais igual a ele.

Da mesma forma, a ilusória noção de consciência de classe reduz-se a acreditar, piamente,

na homogênea empatia entre os trabalhadores assalariados como resultado da exploração a que são submetidos. Estes, com firmes propósitos revolucionários e munidos de uma possibilidade objetiva, ou melhor, de uma ‘consciência verdadeira’ injetada pelo partido comunista - e nunca de uma ‘falsa consciência’ espontaneista! - constituirão um bloco monolítico para derrubar a burguesia e, assim, instalar finalmente a ditadura do proletariado, e ponto final!

Realmente, necessita-se da paciência heróica de ‘Jó’ para aturar aquela idéia tão arrogante quanto apriorística que associa a liberdade de pensar e agir à referida ‘falsa consciência’ - ou ‘cegueira dos explorados’, ‘alienação’, ‘ideia tacanha’... -, como se esta fosse, conforme disse Marx, uma particularidade dos incapazes de fazer valer seu interesse de classe em seu próprio nome, quer através de um parlamento, quer através de uma convenção...

E o pior é que a coisa não fica por aí. A dita ‘falsa consciência’, para os epígonos do marxismo, é sinônimo de ‘consciência psicológica’, algo assim como uma dimensão mental acrílica que ainda não atingiu o patamar ‘privilegiado’ da revolucionária ‘consciência verdadeira’ e, por isso mesmo, encontra-se, por ora, ingenuamente comprometida com os valores da ideologia burguesa.

Para a esquerda purista e inabalável, o padrão essencial e obrigatório da autêntica consciência encontra-se, com exclusividade, na consciência de classe proletária. Isto explica a noção sectária que levou Marx a desdenhar os grupos sociais constituídos por comerciantes, industriais incipientes, artífices e camponeses - estes últimos, libertos da servidão e transformados em pequenos proprietários após a derrubada da aristocracia feudal -, todos alcunhados de ‘pequenos burgueses’ que atuavam sobre uma base consciente de interesse egoísta de classe.

Egoísmo? Coisa nenhuma! Eram homens e mulheres ávidos por oportunidades, verdadeiros arquitetos do destino que lhes incumbia em consequência da liberdade e da própria iniciativa, e mais nada!

Até parece (só parece) que os socialistas remanescentes não sabem que a única consciência que direciona o trajeto da vida é aquela que se desprende da psique, da alma de qualquer um em permanente contato com as mudanças da realidade que está aí e não no século XIX.

Todos os acontecimentos, previsíveis ou não, movimentam ininterruptamente os sentidos, a mente, a intuição que sempre acompanham o ser humano precedendo, mesmo de forma latente, as suas

reações diante do cotidiano e até do inopinado. Porque a racionalidade está gravada na cabeça de todo homem, mesmo na do mais inculto, e verificada certas circunstâncias, essa racionalidade pode guiá-lo, por entre as nuvens dogmáticas, que velem seus olhos ou dos preconceitos que obscureçam o seu vocabulário, para agir na direção da história(...)

Montesquieu escreveu que a dita ou a desdita consistem em uma certa disposição de nossos órgãos. Também a ação revolucionária pode nascer desse mandato dos órgãos que nos governam, mesmo antes que a ciência eduque a mente dos pobres.

A linearidade dos severíssimos catecismos ‘progressistas’ que advém do cabedal de conhecimentos dos visionários e filósofos da história, tem exígua utilidade prática para transformar o mundo em um lugar melhor. Que se saiba, os homens dos diversos segmentos da sociedade fazem todo o possível e o ‘impossível’ para resolver seus problemas do dia-a-dia. Compelidos pela imaginação, por variados objetivos, pela perseverança e mesmo pela luta aflitiva tentam garantir, no mínimo, a sobrevivência.

Por isso, é admissível a idéia de que a totalidade articulada desse conjunto heterogêneo de ações humanas, permeada com políticas exequíveis para um de-senvolvimento sócio-econômico

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda., 1968, p. 117.

KONDER, Leandro. Marxismo made in USA. Obtido por download em <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2001/03/16/joride20010316002.html>. Acesso em 15 nov. 2009, s/nº.

MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. São Paulo: Editora Moraes Ltda., 1987, p. 137.

LUKÁCS, G. Cf.: História e consciência de classe: estudos de dialética marxista. Porto: Publicação Escorpão, 1974.

VARGAS LLOSA, Mario. A guerra do fim do mundo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 93

*** Caro Associado, a coluna ‘Artigos Acadêmicos’ está aberta para TODOS os associados da APUSM que desejem debater ideias ou divulgar seus trabalhos científicos e literários. Para participar, basta enviar um texto com até 5.000 caracteres para jornal@apusm.com.br**